

ESTEREOTIPIFICAÇÃO E IDENTIDADE: A REPRESENTAÇÃO QUE INTERCAMBISTAS FAZEM SOBRE “OS BRASILEIROS”*

Fernanda Henriques Dias (PUC-Rio)

INTRODUÇÃO

Os estereótipos relacionados a diversas nacionalidades são, há muito, conhecidos e reproduzidos socialmente. Cada cultura marca o “outro” com características que lhes parecem peculiares. A mídia, por sua vez, difunde esse outro como sendo padronizado pela nacionalidade, pela etnia, pelo gênero e, por cada categoria social ou cultural que se possa imaginar. São muitos os estereótipos que nós, brasileiros, temos dos portugueses, por exemplo, como retratamos em diversas situações sociais; da mesma forma há, entre escoceses, ingleses e irlandeses, piadas que estereotipam e categorizam as atitudes uns dos outros.

Essas categorizações, às vezes até ridicularizadas, são repassadas e reproduzidas em cada sociedade e assim vamos moldando a visão que temos do outro não pelo que observamos, mas pelas categorizações gerais que nos são transmitidas em relação aos mesmos.

É pensando na forma como esses estereótipos são retransmitidos ou rejeitados que proponho analisar, no presente artigo, o discurso de dois jovens intercambistas: um americano e uma belga.

Os discursos em questão fazem parte de entrevistas semi-estruturadas feitas com jovens que, através de um programa de intercâmbio, vêm passar um ano no Brasil, conhecendo partes do país, de sua cultura e de seu povo.

Nos trechos selecionados, Allan e Sophie (nomes fictícios dos intercambistas) falam dos estereótipos que americanos e belgas reproduzem a respeito dos brasileiros, bem como da maneira que eles vêem esses mesmos estereótipos. No discurso de Allan, os estereótipos são trazidos e reforçados através da comparação dos costumes de certos brasileiros com os costumes de alguns norte-americanos. Já Sophie apresenta estereótipos tais quais apresentados pela mídia. A partir desse trecho podemos ver como Allan, através de sua fala e da fala de outros, representa a si mesmo e a sociedade brasileira, em contraposição com a cultura norte-americana e como Sophie representa a si mesma e a sociedade brasileira, antes de passar por um programa de intercâmbio.

1. INTERAÇÃO E IDENTIDADE

Dentre as várias noções de identidade que corroboram discussões acadêmicas de diversas áreas de estudo, se encontra a noção de identidade como uma co-construção contextualizada. Essa noção se opõe à possibilidade de uma identidade singular e reforça a multiplicidade de identidades de cada indivíduo, de acordo com o contexto e os participantes envolvidos em cada interação. Segundo Bucholtz e Hall (2003:378),

a identidade advém das ações e não das pessoas. Como produto de uma ação situada, as identidades podem mudar e se recombinar para atender às novas circunstâncias. Essa perspectiva dinâmica contrasta com a visão tradicional de identidades como estados psicológicos duradouros ou categorias sociais.

Ainda segundo as autoras, os atores não estão presos em posições sociais específicas. Eles têm liberdade para se mover entre diferentes comunidades de prática, trazendo diferentes dimensões de suas identidades para o primeiro plano.

Assim, elas criticam posições teóricas essencialistas, que vêem a identidade sempre de forma binária, como por exemplo, no viés da teoria da semelhança e da diferença.

* O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

No entanto, também afirmam ser necessário reconhecer que, embora atualmente não seja possível pensar em uma teoria de identidade que seja binária, é necessário que os teóricos, ao pensarem nas múltiplas facetas identitárias proporcionadas por cada situação, por cada contexto, reconheçam que nossa sociedade ainda se rege por padrões de pensamento binários e que essa visão essencialista muitas vezes será retratada nas interações analisadas.

Esse é o caso, por exemplo, da perpetuação dos estereótipos. Como categorias marcadas os estereótipos são representações das diferenças culturais, geralmente ressaltando características que colocam a sociedade estereotipada em um nível abaixo da sociedade que cria o estereótipo. Segundo as autoras (2003:372),

na maioria das vezes a diferença implica em hierarquia e o grupo com mais poder estabelece uma relação vertical que o beneficie. Essa divisão ideológica permite que as identidades do grupo de maior poder sejam menos reconhecíveis como identidades; em vez disso, esse grupo se constitui como a norma em relação à qual todos os outros divergem.

De Fina (2003:139) mostra através de uma pesquisa realizada com imigrantes mexicanos como “valores, idéias, comportamentos são atribuídos aos personagens não como indivíduos, mas como representantes de identidades sociais, cujas ações e atitudes são julgadas de acordo com categorias”. Essas categorias são, normalmente, construídas através de oposições entre eu e o outro e, estudar as construções dessas categorias, não apenas revela as características mais salientes no outro, mas também as ações e reações associadas a essas categorias. Além disso, a categorização traz à tona a noção de pertencimento a um grupo, que se opõe ao grupo de não pertencimento, revelando a forma criada por indivíduos para compreender realidades e relações sociais. Segundo De Fina (2003:140),

ao apresentar os personagens a partir de certos aspectos, atribuindo aos mesmos características morais, comportamentos certos ou errados e atitudes aceitáveis ou inaceitáveis, os narradores constroem representações do eu e do outro que são partes básicas das ideologias do grupo. Essas ideologias, em parte, definem as identidades dos grupos, embora não se resumam a elas (van Dijk 1998). As representações do eu e dos outros mobilizadas e construídas na contagem de histórias não são conceitos estáticos, mas construtos dinâmicos criativamente relacionados aos contextos interacionais e aos mundos sociais representados através de narrativas.

Pensando nas categorizações como construtos dinâmicos, é certo que o estrangeiro, ao chegar no país de destino, precisará reconfigurar suas crenças e atitudes perante os estereótipos sociais que ele traz de sua sociedade de origem, de forma a tentar encaixar-se em alguma ou algumas comunidades de prática no país no qual viverá por um tempo.

Torna-se, portanto, uma situação delicada repetir o estereótipo trazido. Ao mesmo tempo, a negação dessa estereotipificação representa a negação da própria identidade de estrangeiro, na medida em que essa negação será vista como uma tentativa de igualar o status das duas culturas em questão.

Assim, a forma como o estrangeiro projeta a si mesmo e ao outro representará, até certo ponto, sua rejeição ou inclusão na nova cultura e, ao mesmo tempo, rejeição ou afirmação da própria cultura.

Essas projeções podem ser examinadas a partir do que Goffman (2002) chama de *footing*. Para a análise de *footing*, Goffman (ibid:136-137) sugere:

um começo pode ser estabelecido ao examinarmos a maneira como as afirmações são construídas, especialmente quanto ao encaixamento, um assunto espinhoso, que se agrava pela facilidade com que se pode confundilo com uma idéia analiticamente um tanto diferente, a noção de papéis sociais múltiplos, já considerada com relação ao “responsável”.

Uma importante questão na projeção do eu é a forma como o espaço e o tempo são retratados pelo animador, já que as noções de espaço e tempo ajudarão a delinear se o animador é um “eu” presente, na própria interação, ou se ele é apenas invocado pelo processo interacional.

Observe que, quando tais elocuições são ouvidas, elas são ouvidas também como vindas de um indivíduo que não apenas anima as palavras, mas ocupa ativamente uma qualificação social *determinada*, sendo essa qualificação o que confere autoridade às palavras. Muitas das elocuições, se não a maioria, no entanto, não são construídas segundo esse modelo. Ao contrário, como falante, representamos a nós mesmos pelo emprego de um pronome pessoal, em geral “eu”, sendo assim uma *figura* – uma figura numa afirmação – que serve como o agente, um protagonista numa cena *descrita*, um “personagem” numa anedota, alguém, enfim, que pertence ao universo sobre o qual se está falando, não ao universo no qual a fala ocorre. Uma vez empregado esse formato, cria-se uma flexibilidade surpreendente. (Goffman, 2002:137)

E, a maneira como nos posicionamos estará relacionada às nossas crenças, aos nossos objetivos comunicacionais, mas, principalmente ao contexto interacional em que estamos atuando. Assim, mesmo o processo de categorização do outro estará relacionado ao posicionamento identitário do observador e de sua relação de poder como uma realidade social que pode ser descrita objetivamente. Como afirma Bucholtz e Hall (2003:371),

o agrupamento social é um processo não apenas de descobrir ou reconhecer semelhanças que pré-existem e estabelecem a identidade mas, mais fundamentalmente, de inventar semelhanças, colocando as diferenças em segundo plano.

No caso dos estrangeiros intercambistas, é necessário que eles inventem semelhanças, e abram mão das diferenças que trazem consigo, em forma de estereótipo e do poder que vêm em suas culturas sobre a cultura do país hospedeiro, para que eles possam se agrupar socialmente. Conforme afirma De Fina (2003:143),

a construção de uma nova identidade é um processo vital para os imigrantes, dado que estabelecer-se em um novo país e iniciar uma nova vida, sempre implica na redefinição de seus lugares na sociedade hospedeira e de suas posições em relação a outros grupos sociais. Uma consequência dessas mudanças é que o senso desses imigrantes sobre si mesmos toma novos rumos relacionados às circunstâncias nas quais se encontram e aos novos papéis que precisam assumir.

Pensando nessa reformulação da própria identidade, o presente estudo tem por objetivo mostrar como, através de seus discursos, um intercambista norte-americano e uma intercambista belga representam, criam ou reafirmam estereótipos relacionados aos brasileiros. Para tal, analiso as pequenas narrativas (Georgakopoulou, 2007) destes intercambistas, relatadas em uma entrevista de pesquisa semi-estruturada.

As pequenas narrativas são, conforme argumenta Georgakopoulou (2007:viii), espaços cruciais para a construção da identidade do “eu” e do “outro”, e nos permitem documentar as histórias como práticas comunicativas envoltas na vida social dos indivíduos. É através de pequenas narrativas que esses intercambistas retratam homens brasileiros como “machões” e mulheres brasileiras que “beijam muito”, ou o próprio Brasil como um país pobre, onde macacos e cavalos circulam pelas ruas.

2. AS MULHERES BEIJAM MUITOS HOMENS...

Vejamos abaixo o trecho em que pergunto a Allan quais eram as expectativas que ele tinha quando veio para o Brasil. Esta entrevista é feita face-a-face, quando Allan ainda está no Brasil.

1	Fernanda	e em relação à expectativa que você tinha quando você veio ao
2		brasil?

3	Allan	é... sabe, eu gosto de de ficar com com a cabeça aberta, sabe. não,
4		não gosto de de ouvir coisas sobre gente, sobre a cultura, sobre as
5		coisas e escutar, sabe? porque eu sabia que que ninguém, se a
6		peessoas que eu tava falando lá nos estados unidos não foi para para
7		o brasil, se ela não conhece o brasil, eu sei que as coisas não vão
8		ser, mais, não sei... porque os homens são são mais (.), não sei a
9		palavra em português, hardy, hardy em inglês, hardy, like dirty
10		man, you know, real...
11		
12	Fernanda	machão?
13	Allan	é... provavelmente machão. é... e então eu, eu acho que, não sei se
14		eu posso falar isso, mas tem um monte de gente lá que acha que
15		mulheres aqui são, não vagabundas não, mas, sabe, elas vestem
16		menos roupa porque é muito quente aqui, beijam muita muito
17		homem, mas é cultura, sabe. eu acho é isso.
18		
19	Fernanda	você acha que é assim ou [()
20	Allan	[não, não, não. não, não, não. eu não. (.
21) (risos) é são culturas sabe. cultura tem muita coisa para ver. você
22		não pode falar uma cultura é errada, não pode falar que uma
23		cultura é certa, depende (.). então eu não gosto de falar se eu acho
24		certo ou errado não. eu acho que é sim: as mulheres beijam muito
25		homem, mas não é errado, não é certo. sabe, os homens são um
26		pouco mais ma[chão
27		
28	Fernanda	[machão
29	Allan	eu acho, mas não é errado, não é certo, sabe.

Allan começa sua resposta se projetando como uma pessoa “neutra”, em relação às questões culturais, normalmente tidas como imposições sociais (L3-5).

“é... sabe, eu gosto de de ficar com com a cabeça aberta, sabe. não, não gosto de de ouvir coisas sobre gente, sobre a cultura, sobre as coisas”

Essa suposta neutralidade é colocada em oposição aos demais norte-americanos que, segundo a fala dele, tomam certos estereótipos como reais, sem antes conhecerem pessoalmente o outro. Para ele, é a vivência com o outro que avaliza o conhecimento da cultura, da sociedade e do povo do outro país (L5-8).

“porque eu sabia que que ninguém, se a pessoas que eu tava falando lá nos estados unidos não foi para para o brasil, se ela não conhece o brasil, eu sei que as coisas não vão ser”

Ele então passa à categorização dos brasileiros (L9-11). Primeiro, ele fala dos homens brasileiros (esta separação entre homens e mulheres é uma escolha feita por Allan, já que em nenhum momento anterior havíamos, durante a entrevista, estabelecido tal distinção).

“porque os homens são são mais (.), não sei a palavra em português, hardy, hardy em inglês, hardy, like dirty man, you know, real...”

Interessante notar que, ao caracterizar os homens brasileiros, Allan já estabelece certa distância de um possível agrupamento social com os brasileiros, já que ele traz para a entrevista sua língua materna. Ele faz a caracterização dos homens brasileiros, através de categorias de sua língua, não conseguindo fazê-la em português.

Nesse ponto, eu ofereço minha participação, negociando a categoria em português que me parece melhor representar o tipo de homem que Allan descreve (L12).

“machão?”

Allan aceita minha co-construção da categoria, sem questionar o significado da palavra que ofereço (L13).

“é... provavelmente machão.”

Ele então se distancia um pouco do discurso, modalizando sua fala (L13-14).

“eu acho que, não sei se eu posso falar isso”

E então, distancia-se ainda mais, atribuindo sua próxima fala aos norte-americanos, em geral, e não a si mesmo (L14-15).

“tem um monte de gente lá que”

Em seguida, apresenta o estereótipo estabelecido pelos americanos para as mulheres brasileiras (L15-18).

“acha que mulheres aqui são, não vagabundas não, mas, sabe, elas vestem menos roupa porque é muito quente aqui, beijam muita muito homem”

Seu distanciamento, porém, não é total. Ele finaliza dizendo apenas que essa categorização “é cultura”, mas não se posiciona em relação à mesma. Então, para saber seu posicionamento, pergunto se Allan concorda com esse estereótipo. Sua reação inicial é negar enfaticamente (L20-21).

“[não, não, não. não, não, não. eu não. (.)”

Ele então justifica que não gosta de julgar as culturas (L21-23).

“é são culturas sabe. cultura tem muita coisa para ver. você não pode falar uma cultura é errada, não pode falar que uma cultura é certa, depende (.)”

Porém, em seguida ele se reafirma como alguém que confirma esse estereótipo que os americanos fazem da mulher e do homem brasileiros, novamente modalizando sua fala (L24-27).

“eu acho que é sim: as mulheres beijam muito homem, mas não é errado, não é certo. sabe, os homens são um pouco mais ma[chão”

O que podemos notar é que, apesar de Allan inicialmente negar seu pertencimento a um agrupamento social que vê os brasileiros como categorizados entre machões e vagabundas, ele termina seu discurso reafirmando sua identidade norte-americana, aceitando que, apesar de serem pontos de vista diferentes, as mulheres brasileiras beijam muitos homens e os homens são machões, tudo isso comparado com os padrões norte-americanos (que ditam as regras pelas quais Allan se baseia).

3 UM PASSEIO NA SELVA...

Sophie constrói seus estereótipos no meio de nossa conversa (também face-a-face, no decorrer do intercâmbio), quando estava narrando os cursos que ela ainda pretendia fazer no Brasil. Ao comentar que ela ainda quer fazer aula de dança, ela faz a seguinte narrativa:

1	Sophie	olha que burro. eu, eu escolhi brasil né? então eu fui fazendo aulas
2		de:: salsa.
3	Fernanda	hehehe
4	Sophie	cheguei aqui é samba. ai que burro! [hehehe
5	Fernanda	[hehehe

6	Sophie	mas (samba) é muito difícil, muito difícil, gente.
7	Fernanda	o quê? samba ou salsa?
8	Sophie	samba. salsa é fácil. eu aprendeu, né? hehehe
9	Fernanda	samba não? hehehe
10	Sophie	aqui é samba.
11		((entrevista continua, com outro tópico))

Sophie começa já projetando-se como alguém que desconhecia a cultura na qual ela viveria por um ano. Ela inicialmente mostra seu afastamento em relação ao Brasil (já que não sabia que a dança que representa o Brasil – ainda que de forma estereotipada – é o samba) (L1-2).

“olha que burro. eu, eu escolhi brasil né? então eu fui fazendo aulas de:: salsa.”

Apesar de mostrar que hoje ela já está um pouco mais integrada às questões “culturais” brasileiras (já que hoje ela sabe que a salsa não é uma dança representativa do Brasil), ela se mostra ainda afastada, pois, apesar de ter aprendido salsa, continua não sabendo sambar (L6-8).

“Sophie: mas (samba) é muito difícil, muito difícil, gente.

Fernanda: o quê? samba ou salsa?

Sophie: samba. salsa é fácil. eu aprendeu, né? hehehe”

Continuando a entrevista, faço uma pergunta bastante aberta em relação ao que Sophie esperava do Brasil, no início do intercâmbio.

12	Fernanda	e em relação ao que você esperava do brasil no início?
13	Sophie	o quê?
14	Fernanda	em relação ao que você esperava do brasil [()?
15	Sophie	[() da minha família?
16		
17	Fernanda	é. de [tudo.
18	Sophie	[tudo
19	Fernanda	o que que cê tá achando?
20	Sophie	não sei. eu não achava muita coisas do brasil não. quando eu fui
21		pra aqui, eu acho; eu não teve muito tempo pra pensar. porque as
22		últimas meses foi muito complicado. correndo, fui. primeiro fui as
23		provas grandes. depois eu trabalhei um mês, depois eu sempre saio
24		com minhas amigas, né? quase não dormi no casa. () mas eu acho
25		mais, mais sol, porque juiz de fora ta chovendo muito, mais sol, e
26		mais, mais animais, sabe. mais tigres () pretos né? eu achava e
27		macacos também, que tava assim assim andando na rua.
28		
29		
30	Fernanda	aonde? aonde?
31	Sophie	aqui.
32	Fernanda	ah. que você achava?
33	Sophie	é.
34	Fernanda	ah.
35	Sophie	então. essa foi a diferença pra mim. eu achava também que tava
36		muito mais cheio de:: cavalo e muito mais: pobre também. mas eu
37		acho; que ta ótimo aqui.

Sophie, em primeiro lugar, coloca em foco a questão da família. Mas, quando pergunto o que ela está achando do Brasil, ela acaba colocando em foco, o que ela pensava do Brasil, antes de chegar no país.

Ela começa se colocando como um personagem, já que narra algo passado. Para se colocar em uma posição um pouco mais neutra ela afirma:

“não sei. eu não achava muita coisas do brasil não. quando eu fui pra aqui, eu acho; eu não teve muito tempo pra pensar.”

A falta de tempo para pensar devido à correria do último mês, quando ela teve que fazer provas e sair com suas amigas, é a justifica que ela usa para então reproduzir os estereótipos que trazia consigo, antes da viagem.

Para Sophie, no Brasil ela encontraria tigres e macacos andando nas ruas. A visão que Sophie trazia consigo era de um país pouco ou nada desenvolvido, ainda parecido com uma selva, onde animais transitam livremente.

Continuando a resposta, ela ainda diz que achava que tinha cavalos também, o que reforça a noção de falta de desenvolvimento. Como ela mesma diz, ela achava que o Brasil fosse “muito mais pobre também”.

Os estereótipos relatados por Sophie nada mais são do que estereótipos retratados pela mídia. Refiro-me aqui ao episódio dos Simpsons, intitulado “O Feitiço de Lisa”.

As visões de Sophie parecem ser pautadas nesse episódio (que traz os estereótipos mais ressaltados pela mídia em geral). Em “O Feitiço de Lisa”, o Brasil é retratado como um país pobre, cheio de favelas e orfanatos. O orfanato desse episódio se chama “Orfanato dos Anjos Imundos”, como vemos na figura abaixo:



Além disso, as pessoas no Brasil andam pelas ruas em longas filas, dançando cha-cha-chá (aqui, vemos a semelhança no pensamento de Sophie, que aprendeu salsa, um ritmo de origem cubana, como o cha-cha-chá).



Além disso, nesse mesmo episódio, animais circulam livremente pelas ruas, e no fim, Bart Simpson acaba engolido por uma cobra.

Os estereótipos apresentados por Sophie, como vemos, são pautados nas reproduções que a mídia faz do Brasil.

E, embora ela relate esse estereótipo, sua visão muda um pouco, e ela se projeta como alguém mais integrado à cultura brasileira, ao afirmar “eu acho; que tá ótimo aqui”.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo analisar um trecho de uma entrevista feita com um jovem norte-americano e uma jovem belga que vêm passar um ano no Brasil através de um programa de intercâmbio.

Como estrangeiro, no Brasil, Allan, nesse trecho tenta rejeitar a estereotipificação que os norte-americanos fazem das mulheres e dos homens brasileiros.

Porém, ao tentar negar esses estereótipos, Allan, além de reproduzi-los em seu discurso (o que já é, em si, uma forma de reafirmá-los), acaba aceitando, ao concordar que as mulheres brasileiras beijam muito e que os homens são machões.

Ressalto que essas estereotipificações são feitas sempre em oposição aos padrões estabelecidos pela sociedade norte-americana. Allan acaba aceitando esses estereótipos, reafirmando seu pertencimento a esse grupo social e cultural e, de certa forma, negando seu pertencimento ao país hospedeiro.

Apesar de sua tentativa de desconstruir, inicialmente, o estereótipo construído pelos norte-americanos para os brasileiros, Allan acaba reafirmando-o.

Sophie, por sua vez, começa colocando-se como personagem do próprio discurso, de forma a colocar-se em uma posição um pouco mais neutra, antes de construir o estereótipo do “Brasil selvagem”, que traz consigo antes do intercâmbio. Apesar de não fazer nenhuma comparação explícita com seu país de origem, Sophie acaba relatando estereótipos trazidos por alguém que, na verdade, não pertence à comunidade brasileira. Assim, ela reafirma no momento da narrativa sua identidade de estrangeira.

Embora estejam participando de um intercâmbio, o que vemos é que ambos os entrevistados mantêm em suas pequenas narrativas sua identidade de estrangeiros e, embora se mostrem mais integrados às questões culturais brasileiras, eles ainda não se sentem como membros integrantes dessa cultura.

REFERÊNCIAS

- http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/Feiti%C3%A7o_de_Lisa – Imagem “Orfanato dos Anjos Imundos” capturado em 20 de fevereiro de 2009.
- http://hq.cosmo.com.br/TEXTOS/mundoanimado/d0013_simpsonsbrasil.shtm - Imagem “Fila de cha-cha-chá” capturado em 20 de fevereiro de 2009.
- BUCHOLTZ, Mary e HALL, Kira. Language and identity. In: DURANTI, Alessandro (ed.) *A Companion to Linguistic Anthropology*. Oxford: Basil Blackwell. 368-394. 2003.
- DE FINA, Anna. *Identity in Narrative: a study of immigrant discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003.
- GEORGAKOPOULOU, Alexandra. *Small Stories, Interaction and Identities*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles e GARCEZ, Pedro M. (orgs.) *Sociolingüística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p.107-148